

Apresentação

Este número dos “Cadernos” traz principalmente estudos a respeito da memória e da literatura sefarditas, com atenção especial à ação nazista em Salônica e a deportação de judeus para o extermínio. A pesquisa, feita pelo professor Dr. Gabriel Mordoch, ex-aluno da graduação na USP, hoje radicado nos Estados Unidos, que dessa forma mergulhou no passado de sua família paterna originária daquela cidade conhecida pela presença judaica secular dos judeus ibéricos. É ao mesmo tempo um empreendimento de ordem pessoal e um panorama cultural sobre o passado e a destruição de uma comunidade histórica da maior importância. Publicamos em seguida dois poemas da escritora mexicana Myriam Moscona, descendente de judeus búlgaros sefarditas, que escreve em castelhano, mas também nesse castelhano muito especial, o judeu espanhol, ou ladino, como é mais conhecido, como um atestado identitário e de resistência persistente na arte literária. Moscona, entre outros poetas sefarditas – e até mesmo não sefarditas, como é o caso do argentino Juan Gelman (1930-2014), que se dedicou a escrever uma série de poemas nessa língua, afirmam sua permanência utilizando-a para tratar de temas da contemporaneidade imediata. A tradução é de Wedja Paraíso, aluna da graduação. A propósito, inclui-se nesta edição, a tradução de um conto escrito pelo narrador e poeta israelense Almog Behar, sobre a questão das línguas em Israel: *Ana min al-Yahud* (Eu sou judeu), premiado pelo jornal *HaAretz*. Behar encena uma espécie de retorno do suprimido, em tom tragicômico, ao falar sobre o cobrimento das línguas originárias das primeiras aliot, substituídas pelo hebraico que recuperava sua condição vernacular após dois milênios de quase silêncio. De repente, as pessoas começam a falar a língua dos seus ancestrais e mesmo a paisagem urbana de Jerusalém recobra aspectos do passado. Não se trata, note-se, de um texto nostálgico, mas de uma reflexão muito atual sobre o multiculturalismo israelense, num cenário onde tensões comunitárias afloram revelando a riqueza contida no convívio com o hebraico que de algum modo se enriquece num renascimento ao mesmo tempo unificador e várias. A tradução, a partir do original, é de Marian Gabani, egressa do programa de hebraico, ex-bolsista em Israel e que no momento faz pós-graduação nos Estados Unidos. Na mesma linha, a professora Valentina Cantori, doutora pela Universidade Macerata, Itália, e Universidade Hebraica de Jerusalém, recente pós-doutoranda pela USP, publica estudo sobre o português do século 14 escrito no alfabeto hebraico (como ocorria com o castelhano do judeu espanhol, no âmbito sefardita, e com o iídiche, no terreno asquenazita), que traz à tona o flagrante de um momento social e linguístico da convivência de culturas trabalhadas na fala e na escrita. A professora Nancy

Rozenchan analisa o romance *O Som dos Nossos Passos*, escrito por Ronit Matalon (1959-2017), entre as principais autoras israelenses, que trata da experiência da família no Egito, antes da transferência para Israel. Enquanto o professor Reginaldo Gomes de Araújo apresenta pesquisa sobre o hebraico israelense de hoje e as transformações que vão surgindo na língua bíblica a partir do dia a dia dos falantes desde o início do século 20 até o momento. E o professor Gabriel Steinberg contribui com nova tradução dentro do seu projeto didático-literário, de possibilitar o acesso aos estudantes e leitores em geral a momentos específicos da literatura hebraica. Desta vez, trata-se do conto *A Morte da Velha*, de Yaakov Steinberg (1887-1947), grande autor da literatura ídiche e hebraica, quando a língua ressurgia na voz dos escritores pioneiros da Europa Oriental, momento decisivo na recriação e modernização do idioma na convergência das tradições com a atualidade.

Moacir Amâncio